

NA TRILHA HUMANA

Movimentando rápidas pinceladas, Hilário Silva, neste livro, é um retratista de corações, conclamando-nos a sentir e refletir.¹ Com o emprego de tintas fracas ou fortes, revela quadros diversos, apresentando o que ele próprio nomeia como um desfile de almas.

E as telas se destacam.

O esforço premiado aparece junto à queda na invigilância. O aviso evangélico surge na estrada que a ignorância sombreia. Quem se ilude respira o ambiente de quem se esclarece. Há espíritos que caem, ao lado de espíritos que se levantam.

É a trilha humana com os seus sonhos e esperanças, flores e espinhos, alegrias e sofrimentos.

Por farol bendito fulgura, porém, a Doutrina Espírita, amparando e educando os caminheiros, em nome de Jesus.

Ainda assim, o que ressalta de cada página é o imperativo da compreensão fraterna para que não venhamos a tombar em nossas próprias deficiências.

¹ N.E.: a convite do Espírito Hilário Silva, os médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier receberam respectivamente a primeira e a segunda partes deste livro.

Hilário, pois, trazendo a lume os episódios que arranca ao livro da vida, não tem outro intuito senão o de afirmar que todos nós — os viajadores da experiência — precisamos do alimento amor, no prato da compaixão.

EMMANUEL

Uberaba (MG), 29 de agosto de 1960.
(Médium: Francisco Cândido Xavier)

ALMAS EM DESFILE

Sim, em toda parte e em todos os dias, há desfile de almas.

*

A vida garante a exibição.

E cada pedaço do mundo é recanto de passarela por onde transitam as criaturas, dando mostras de si mesmas.

*

Almas que se arrastam.

Almas que lutam.

Almas que riem.

Almas que choram.

*

Partilhando igualmente a marcha, caminha corretamente. Não recues, nem te apresses. Observa os companheiros, sem espanto e sem crítica, a fim de que a lição de cada um te sirva ao aprendizado.

Toda vez que te inclines para esse ou aquele caminheiro, estende o coração e as mãos, em forma de entendimento e

de amor, porque todas as filas prosseguem adiante, com encontro marcado no túnel da morte. E do túnel da morte cada alma em desfile surgirá no Outro Lado para receber, no Posto de Pedágio do Destino, segundo o próprio merecimento.

HILÁRIO SILVA

Uberaba (MG), 29 de agosto de 1960.

(Médium: Waldo Vieira.)

Primeira parte

MÉDIUM: WALDO VIEIRA





1

A FAMA DE RICO

O coronel Manoel Rabelo, influente fazendeiro no Brasil Central, fora acometido de paralisia nas pernas.

Vivia no leito, rodeado pelos filhos atentos. Muito carinho. Assistência contínua.

No decurso da doença veio a conhecer a Doutrina Espírita, que lhe abriu novos horizontes à vida mental.

Pouco a pouco desprendia-se da ideia de posse.

Para que morrer com fama de rico?

Queria agora a paz, a bênção da paz.

Viúvo, dono de expressiva fortuna e prevendo a desencarnação próxima, chamou os quatro filhos adultos e repartiu entre eles os seus bens.

Terras, sítios, casas e animais, avaliados em seis milhões de cruzeiros, foram divididos escrupulosamente.

Com isso, porém, veio a reviravolta.

Donos de riqueza própria, os filhos se fizeram distantes e indiferentes.

Muito embora as rogativas paternas, as visitas eram raras e as atenções inexistentes.

Rabelo, muito triste e quase completamente abandonado, perguntava a si mesmo se não havia cometido precipitação ou imprudência.



Os filhos não eram espíritas e mostravam irresponsabilidade completa.

Nessa conjuntura, apareceu-lhe antigo e inesperado devedor. O coronel Antônio Matias, seu amigo da mocidade, veio desobrigar-se de empréstimo vultoso, que havia tomado sob palavra, e pagou-lhe dois milhões de cruzeiros, em cédulas de contado.

Na presença de dois dos filhos, Rabelo colocou o dinheiro em cofre-forte, ao pé da cama.

Sobreveio o imprevisto.

Os quatro filhos voltaram às antigas manifestações de ternura. Revezavam-se junto dele. Papas de aveia. Caldos de galinha. Frutas e vitaminas.

Mantinhavam cobertores quentes e fiscalizavam a passagem do vento pelas janelas.

Raramente Rabelo ficava algumas horas sozinho.

E, assim, viveu ainda dois anos, desencarnando em grande serenidade.

Exposto o cadáver à visitação pública, fecharam-se os filhos no quarto do morto e, abrindo afitamente o cofre, somente encontraram lá um bilhete escrito e assinado pela vigorosa letra paterna, entre as páginas de surrado exemplar de *O evangelho segundo o espiritismo*.

O papel assim dizia:

Meus filhos,

Deus abençoe vocês todos.

O dinheiro que me restava distribuí entre vários amigos para obras espíritas de caridade. Lego, porém, a vocês, o capítulo XIV de O Evangelho segundo o Espiritismo.

E os quatro, extremamente desapontados, leram a legenda que se seguia:

“Honrai a vosso pai e a vossa mãe. — Piedade filial.”



2

A EVOCAÇÃO DO COMENDADOR

Jorge Sales, o denodado orientador da instituição espírita, encontrava-se no habitual entendimento com Anatólio, o mentor desencarnado, por intermédio do médium.

As tarefas da noite haviam praticamente chegado ao fim, mas Jorge sentia-se necessitado de instrução e, por isso, dilatava a palestra, ao pé dos amigos, a constituírem o círculo de oração.

— Os obsidiados crescem de número — dizia Jorge preocupado —, e precisamos antepor providências...

— Sim — concordava o amigo espiritual —, é necessário entender o clima da serenidade e do trabalho, do entendimento e da prece...

E a conversação avançou:

— São lutas morais por toda parte... Jovens mal saídos da infância caem perturbados, de momento para outro... Velhinhos, na derradeira quadra da existência, enlouquecem de súbito... Tem havido suicídios, crimes...

O benfeitor consolava, pelo médium falante:

— Sim, meu amigo, toda paciência é pouca a fim de vencermos com segurança... Saibamos servir a todos, com muita compreensão da fraternidade...



— Tudo indica estarmos aqui sob a influência do velho comendador Antônio Paulo da Silveira Neves, que foi fazendeiro na região e está desencarnado há oitenta anos. Silveira Neves foi homem terrível... Consultei documentos na municipalidade e tenho ouvido pessoas da zona, cujos ascendentes lhe comunicaram a intimidade... Possuía escravos em legião e, entre eles, era conhecido por flagelo de todos... Sustentava capatazes ferozes e comandava, ele próprio, o sofrimento dos cativos, que, às vezes, eram chicoteados até a morte... Não só isso. Colocava os sitiados aqui uns contra os outros, provocando assassinios e ódios que até hoje persistem... Estou certo de que essa teia de obsessões e vinganças nasce da atração do velho comendador... Ele deve ser a causa inicial de tudo...

— Muito ponderada a sua palavra...

— O irmão conhece o infeliz?

— Sim, conheço...

— Tenho o máximo interesse em evocá-lo...

— Não acho prudente.

— Ora! são muitos os Espíritos rebeldes evidentemente vinculados a ele... Topo vários a cada semana... Uns se declaram vítimas do comendador, outros gritam pela presença do comendador, muitos acusam o comendador e outros ainda prometem que não haverá mudança aqui enquanto não liquidarem o comendador... Tenho assentado que, apesar de haver transcorrido muito tempo, é indispensável nos dispormos a doutrinar esse Espírito. Sem esse contato, ao que julgo, será muito difícil a modificação para melhor de que estamos necessitados...

— Entendo o que diz — tornou Anatólio —, mas não faça a evocação. Seria de todo inoportuna...

— Mas escute, meu amigo! Eu também pareço sofrer a influência dessa perigosa entidade... As referências ao comendador desabam sobre mim como choques elétricos. Só em ou-